

## O município de Anastácio-MS e a reprodução da dependência na periferia do capitalismo: agentes, processos e escalas

*Geovandir André Lordano<sup>1</sup>*

*Thiago Araujo Santos*

*Marcelino de Andrade Gonçalves*

### RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é analisar, a partir da realidade empírica no contexto do município de Anastácio, estado de Mato Grosso do Sul - Brasil, de maneira a buscar entender como essa base territorial é acionada enquanto um "momento" da inserção dependente do Brasil no mercado mundial. Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, na qual nos valem da técnica de pesquisa bibliográfica, por meios eletrônicos e fontes documentais; assim como da técnica de observação assistemática para a pesquisa em campo. Em predomínio, a indústria frigorífica na cidade utiliza-se da oferta de gado bovino e da reserva de mão-de-obra local em benefício de atender, dentre outros, ao mercado externo, articulando diferentes sujeitos, diversas escalas e reforçando, neste sentido, o ciclo no sistema capitalista dependente.

**Palavras-Chave:** Divisão territorial do trabalho; agronegócio, desenvolvimento capitalista dependente.

### THE MUNICIPALITY OF ANASTÁCIO-MS AND THE REPRODUCTION OF DEPENDENCE IN THE PERIPHERY OF CAPITALISM: AGENTS, PROCESSES AND SCALES

### ABSTRACT

Our goal in this article is to analyze, based on empirical reality within the context of the municipality of Anastácio, state of Mato Grosso do Sul - Brazil, in order to understand how this territorial base is activated as a "moment" of Brazil's dependent insertion into the world market. This is an exploratory research, in which we employ the technique of bibliographical research, through electronic means and documentary sources; as well as the technique of unsystematic observation for field research. Predominantly, the meatpacking industry in the city utilizes the supply of cattle and the local labor reserve to meet, among others, the external market demands, articulating different subjects, various scales, and reinforcing, in this sense, the cycle in the dependent capitalist system.

**Key-words:** Territorial division of labor; agribusiness, dependent capitalist development.

### Introdução

A divisão do trabalho é conceito importante para a ciência geográfica. Mais especificamente, após o período inaugurado pela geografia crítica, no Brasil, em meados dos anos 1970, o conceito já tão celebrado no Marxismo, ganha destaque no debate das contradições da sociedade em seu movimento histórico. O território, síntese das relações sociais contraditórias sob cada formação econômico-social, expressa em seu conteúdo o caráter desigual da divisão do trabalho.

Neste caso, a natureza das diferentes posições de classe, em cada lugar, e as distintas funções dos lugares no âmbito geral da reprodução ampliada do capital mostram-se objetos

---

<sup>1</sup> UFMS, Pós-graduação em Geografia, geovandirlordano@gmail.com

potenciais de interesse da Geografia, valendo-se esta disciplina de seu instrumental analítico para a compreensão dos processos sociais e históricos em curso e seus rebatimentos territoriais, que envolvem, inevitavelmente, os conflitos e tensões sociais e suas bases territoriais.

Nossa motivação para este artigo parte da tentativa de compreender a divisão social e territorial do trabalho enquanto parte de um processo que se desenrola na articulação das múltiplas escalas, do local ao global, sobretudo quando posta no contexto do desenvolvimento capitalista dependente experimentado pelos Países Latino-americanos (SANTOS, 2018), processo aprofundado pelo novo contexto tecnológico no campo da comunicação e da informação, que permite uma fluidez e ao mesmo tempo um controle do capital de bases territoriais a nível planetário.

Nosso questionamento central passa pela análise do papel que um município com cidade de porte pequeno desenvolve na divisão social e territorial do trabalho, como se articulam as diferentes escalas e sujeitos no contexto do desenvolvimento capitalista dependente que experimentamos. Não se trata, contudo, de equacionar a escala local como mero epifenômeno de processos estruturais “externos”, como um vetor passivo de um desenvolvimento de relações que acontecem, de modo determinante, alhures.

E tampouco constitui-se, esta reflexão, um enfoque “localista” segundo o qual o município/a cidade seria entendido/a como unidade geográfica autorreferente, com suas representações fenomênicas individualizadas e fragmentadas (SANTOS et. al., 2020). Trata-se de reconhecer as múltiplas determinações que qualificam a realidade local em sua multiescalaridade produzida por um movimento dialético entre determinações internas e externas, o que permite uma aproximação objetiva de aspectos relevantes que constituem ativamente a geografia econômica e social do município em questão.

Nosso objetivo é analisar a partir da realidade empírica no contexto de Anastácio, estado de Mato Grosso do Sul - Brasil, como essa base territorial é acionada enquanto um “momento” da inserção dependente do Brasil e da economia brasileira no mercado mundial. Isso nos leva a análise do processo de formação socioeconômica do município e identificar como o setor econômico da produção de proteína animal, mais precisamente da pecuária de corte, é capaz de articular diferentes escalas, agentes e processos que historicamente compõe de maneira específica a divisão social e territorial do trabalho.

## **Materiais e métodos**

A nossa opção é por uma pesquisa exploratória; para Silveira e Córdova (2009) apoiados em Gil (2007), pesquisas desta natureza tem objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Assim, nos valem da técnica de pesquisa bibliográfica, de base documental e por meios eletrônicos, desenvolvida em gabinete, em busca das bases teórico-conceituais em torno do processo de formação socioeconômica e seu reflexo na divisão territorial do trabalho em sua conexão com a realidade da cidade de pequeno porte enquanto sua interseção na relação cidade-campo. Adiante, realizamos pesquisa em campo, pautada fundamentalmente na técnica de observação assistemática. Para Boni e Quaresma, (2005, p.71), a observação obriga o pesquisador a um contato mais direto com a realidade, nela “[...] o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle”.

O desenvolvimento do artigo foi dividido em dois itens. No primeiro, discutimos o caráter dependente do desenvolvimento capitalista Latino Americano e a desigual inserção do Brasil na divisão territorial do trabalho. Em seguida, no segundo item, refletimos sobre o município de Anastácio-MS a partir de sua formação socioespacial e como parte de um processo mais amplo de divisão territorial do trabalho.

## **O desenvolvimento capitalista dependente na América Latina**

A realidade socioeconômica de uma cidade, de um país ou uma região não pode ser apreendida enquanto dissociada de um cenário mais amplo e geral, composto por processos e eventos que se desenvolvem historicamente e que conformam as relações, ainda que de forma particular, que se desenvolvem em cada fração do espaço. Dito isto, recorreremos inicialmente a compreensão de como essas forças locais, regionais e globais, contraditoriamente, engendram-se e determinam, assim, a condição dependente experimentada pelas nações latino-americanas.

A partir da teoria de dependência, especialmente em sua fração marxista, segundo Osorio (2014), compreende-se que centro e periferia são duas faces de um único processo, qual seja: a expansão do capitalismo enquanto sistema mundial que gera, ao longo de sua história, regiões (e nações) diferenciadas a partir da capacidade de se apropriar de valor: o centro; ou de ser a despojadas dele: a periferia.

Colabora Santos (2018, p. 62), quando afirma que o subdesenvolvimento experimentado pelos países da América Latina tem causa na dependência de nossas nações em relação aos centros hegemônicos mundiais. Logo, o desenvolvimento de nossos países possui padrões que são específicos, dados pela situação de dominação à qual estamos submetidos econômica, social e politicamente. “Esses padrões específicos determinam um tipo de desenvolvimento dependente que se caracteriza por operar com critérios duplamente exploradores”.

No interior da economia, prossegue Santos (2018), este desenvolvimento se apoia em forças tecnológicas coercitivas bem mais amplas que aquelas produzidas pelo desenvolvimento natural das sociedades nacionais. Em outras palavras, a classe dominante dos países dependentes apoia-se no desenvolvimento de tecnologia e sistema de relações socioeconômicas criadas em outros contextos, lhes possibilitando, assim, um poder superior sobre a capacidade produtiva nacional e, como consequência, sobre os demais setores da economia e de outras classes sociais.

Nas palavras de Xavier (2017), em que pese a necessidade de realização do excedente de produção por parte das economias centrais e as transformações no caráter do imperialismo, instauradas pela dinâmica de realização de investimentos em setores estratégicos nas economias periféricas, principalmente Ásia e América Latina, foram constituídos, nessas economias, processos de industrialização com alta dependência tecnológica e de gestão dos processos produtivos.

Ao se realizar a partir do exterior, a condição dependente garante outra forma de superexploração, que drena parte importante do esforço nacional de acumulação do capital, não se convertendo, assim, em investimento dentro do território nacional, mas em capital acumulado fora de suas fronteiras. Desta situação decorre o caráter excludente do desenvolvimento capitalista dependente vivido no país e na região, uma vez que apenas um setor minoritário da população é incorporado ao processo produtivo, excluindo e marginalizando, por outro lado, grande parte da população (SANTOS, 2018).

Disto isto, entendemos que a realização e manutenção de um sistema dependente, nos termos apresentados, somente se realiza por meio de uma elaborada estratégia para subversão das instituições e agentes locais, sobretudo políticos, às ordens dos centros hegemônicos. Neste sentido, nos valem do pensamento de Osorio (2014) no que concerne à soberania limitada dos países da América Latina.

Para Osorio (2014), os Estados de nossa região sempre gozaram de soberania muito limitada pelos agentes, consórcios e conglomerados estrangeiros e por seus Estados sedes. A manutenção de uma soberania limitada passa, assim, pela estratégia do poder político.

Para que as classes dominantes dos países e regiões periféricas exerçam a soberania é essencial que contem com projetos de nação autônomos em relação aos projetos das classes dominantes do mundo central. Na história da América Latina em geral isso não existiu. Predominou a subordinação das hegemonias periféricas aos projetos hegemônicos do mundo central e se gestaram autonomias muito restringidas, e isso se deu pois a burguesia periférica não tem uma vocação de burguesia “nacional” (OSORIO, 2014, p. 189-190).

Contudo, o exercício restrito da soberania não restringiu as práticas de um duro poder político pelas classes dominantes sobre diferentes aspectos da sociedade, as quais tratavam de impulsionar seus projetos, apoiados sobretudo no fato de que havia uma convergência com os interesses das classes dominantes mundiais. Logo, um poder político forte que se traduz em um Estado forte e uma soberania fraca (OSORIO, 2014).

Para os grandes capitais do mundo central e para os setores sociais dominantes dos Estados dependentes é de vital importância não enfraquecer a capacidade política estatal, mas, ao contrário, é fundamental fortalecê-la (no centro e na periferia), propiciando inclusive um renovado interesse de setores empresariais para tomar diretamente em suas mãos a direção estatal (OSORIO, 2014, p. 196).

Nesta perspectiva, emerge a proeminência sobre a atuação estatal em benefício do setor primário de nossa economia, orientado pela tomada do poder político por parcelas do agronegócio que, a partir dele, exercem o poder de orientar as políticas econômicas e fiscais de acordo com seus próprios interesses, nesse sentido, o Estado organiza-se e se legitima, também, como instrumento utilizado em privilégio ao setor agropecuário.

Para iluminar o avanço do poder político do Agronegócio, dados disponibilizados pelo Observatório do Agronegócio no Brasil (2023) apontam que a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) no Congresso Nacional - bancada ruralista - contou em 2023 com 300 membros dentre os 513 deputados na câmara federal, 58,4% da casa, quantitativo 20% maior que na legislatura anterior; e 47 membros dentre os 81 senadores no senado federal, 58% da casa, perfazendo aumento de 20% em comparação a última legislatura.

A representação e o poder político do agronegócio sobre o Estado brasileiro se traduz na cooptação das políticas e recursos públicos para alavancar o setor agropecuário nacional, possibilitando e permitindo aos detentores da terra a apropriação particular da riqueza e uma concentração de renda brutal, o que explica a centralidade que o setor primário tem adquirido no debate político e econômico. Para Baratelli (2022, p.26):

Neste sentido, ressalta-se a importância de compreender o Estado enquanto movimento, produto das relações sociais e da conjuntura histórica sob o qual está inserido (POULANTZAS, 1985). No entanto, não se pode deixar de levar em consideração o fato de que o Estado tende a ser controlado pelas classes dominantes, que o utilizam como instrumento ideológico para pautar seus interesses individuais, tornando-o peça importante na engrenagem de funcionamento do sistema capitalista.

Como consequência, esse quadro reforça a vinculação e a dependência da economia brasileira frente as economias centrais, o que se reflete nos dados da balança comercial do País, na qual se observa a exportação de forma mais expressiva de produtos com baixo valor agregado, geralmente com pouco ou nenhum processamento, como minerais, proteína animal e produtos do reino vegetal e, em contrapartida, a importação de produtos industrializados com

mais valor agregado como maquinários e produtos da indústria química, demonstrando que o processo de organização da produção no campo, gerida pelo agronegócio, passa por uma industrialização de alto nível tecnológico, em alguns casos, mas que resulta em uma mercadoria de baixíssimo teor tecnológico agregado ao produto final, como pode ser visualizado na série histórica apresentada nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1. Exportação brasileira no período de 1997 a 2023.

Exportação Brasil em valor FOB (US\$)					
Seção	2023	2017	2011	2004	1997
Produtos minerais	91509194144	41802840807	71784864797	10134521046	3549520916
Produtos do reino vegetal	78481000199	37256040490	30030757386	8861518591	5754078838
Produtos das indústrias alimentares	39608388794	25185678056	31771173021	10910414137	8579831514
Animais vivos e produtos do reino animal	24052579740	15379866842	15196789163	6275289223	1493049313
Metais comuns e suas obras	20438822762	15233660979	18284348642	10710341781	6345244582
Máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes	18597126609	16650347884	18873899399	11031493613	6310337144
Material de transporte	16754575499	18941067809	18530352451	11895400515	5615877027
Produtos das indústrias químicas	12192566459	10629113703	12252088605	4493015866	2995765005
Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas	10414673550	8314537107	7247645232	2955423910	2019092588
Plásticos e suas obras; Borracha e suas obras	4912770573	5346315893	6373391181	2595161863	1604205292
Demais itens	22734067679	20248638783	23320999630	15259091824	8680493313
Total	339695766008	214988108353	253666309507	95121672369	52947495532

Fonte: Brasil (2024).

Para Xavier (2017), no caso brasileiro, grandes corporações empresariais, muitas vezes transnacionais, ligadas à pecuária, assim como à produção de soja, milho, cana-de-açúcar, à extração mineral dentre outros produtos primários, têm aproveitado da disponibilidade e baixo preço pago pela força de trabalho, dos recursos naturais, energia e falta de regulamentação ambiental, características pertencentes aos países periféricos, especialmente na América Latina e Ásia, com a finalidade de garantir altos patamares de lucros.

Esse processo se insere dentro de uma geopolítica territorial que visa, às expensas dos países pobres ou em desenvolvimento (extração de mais-valia por meio de relações degradantes de trabalho, deterioração dos recursos naturais, obtenção de fundos públicos via subsídios e/ou renúncia fiscal), a ampliação da riqueza nos países de capitalismo avançado (XAVIER, 2017, p. 148).

A lógica voltada para o mercado exportador do agronegócio, não representa a inclusão de todas as parcelas e formas de organização da produção rural, deixando a agricultura familiar muitas vezes excluída das ações que são voltadas principalmente a produção de *commodities* pelas grandes corporações, muitas vezes multinacionais. Dados apresentados por Souza e Albuquerque (2023) apontam que apesar da tentativa de inclusão da agricultura familiar no financiamento público no meio do Pronaf, apenas 15% dos agricultores familiares obtêm

crédito. Enquanto 20% dos produtores entre 10 e 100 hectares tomam crédito, esse número é reduzido a apenas 10% para produtores com até quatro hectares. Há, ainda, diferenças geográficas relevantes, ao passo que 29% dos produtores da Região Sul acessando crédito, enquanto, na Região Norte, esse percentual é de apenas 9%.

Quadro 2. Importação brasileira no período de 1997 a 2023.

Importação (em valor FOB (US\$))					
Seção	2023	2017	2011	2004	1997
Máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes	63325267225	42529271794	60111414671	18009180491	19154326405
Produtos das indústrias químicas	52977686243	31349404258	34599859207	12038172669	7893199249
Produtos minerais	38446307415	25010275361	46277850072	13521627827	8403181601
Material de transporte	22002952018	14019022269	26371693650	4211012026	6366847962
Metais comuns e suas obras	16087915486	8947174880	14241834914	3209427678	2872508308
Plásticos e suas obras; Borracha e suas obras	13356764048	9766960158	13206519146	3578397894	2694127342
Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia	7713837691	5377028413	6763780272	2458047345	2209899410
Matérias têxteis e suas obras	5798984209	5096602990	6567217308	1419296505	2346143109
Produtos do reino vegetal	5379747766	4249773078	5026362006	1816990833	2554109281
Produtos das indústrias alimentares; Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; Tabaco e seus sucedâneos manufaturados	3372099953	3500195202	3091168067	652637767	1246514356
Demais itens	12373062174	9105735600	11712057388	2898845633	4797105036
Total	240834624228	158951444003	227969756701	63813636668	60537962059

Fonte: Brasil (2024).

Esse aspecto de concentração de investimentos no agronegócio teve um aumento expressivo durante o Governo Bolsonaro, que ao mesmo tempo diminuiu substancialmente o apoio financeiro à agricultura familiar. Para Baratelli (2022, p.53):

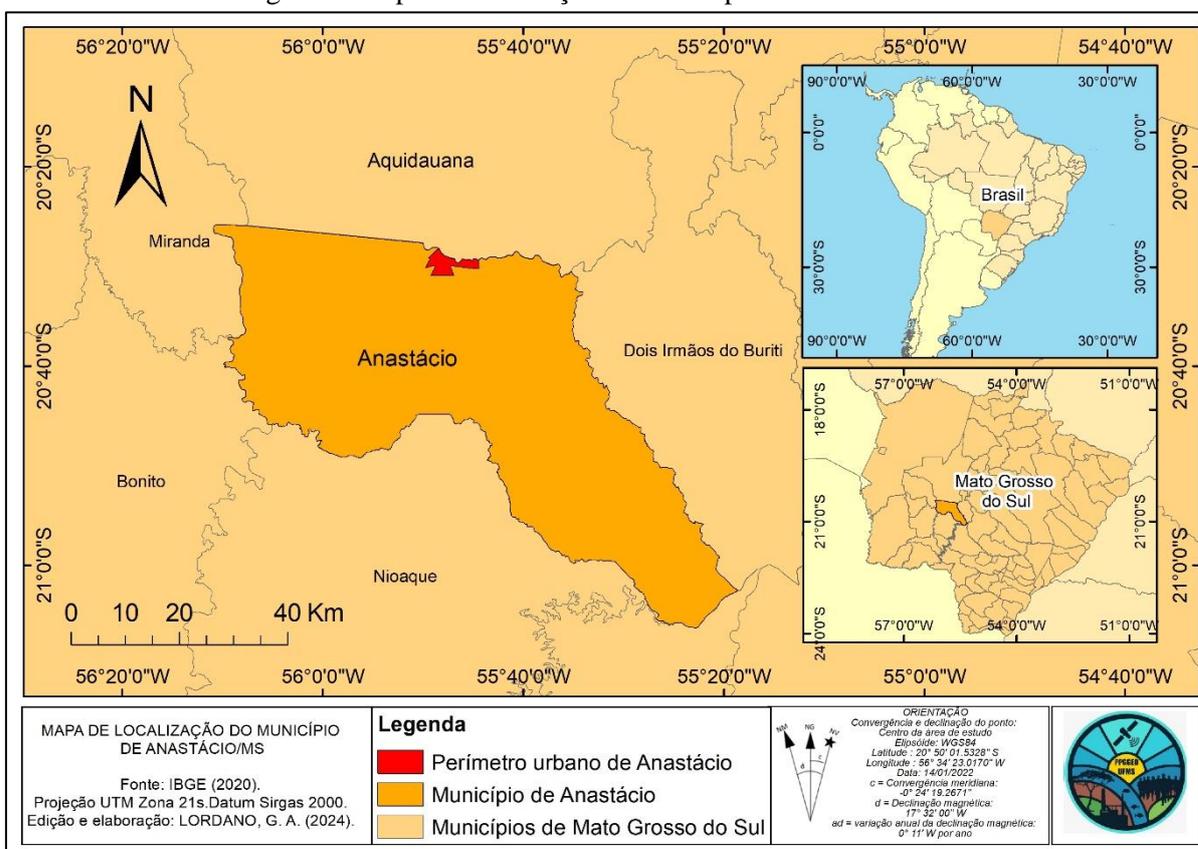
O Governo Bolsonaro (2018-2022) ascendeu baseado em alianças consolidadas com o setor da agricultura capitalista, deste modo, fez jus as promessas e acordos políticos. Desde que assumiu o governo, cerca de 87,1% dos recursos para a agropecuária são destinados a agricultura capitalista, enquanto somente 12,9% são recursos para a agricultura familiar.

Ao considerarmos esses aspectos fica evidente que o território se organiza de forma diferencial, e desigual, sob a égide do capital, sobretudo do Estado capitalista, que apoiado pelo seu poder político estatal orienta como cada subespaço responderá e se organizará a partir de suas demandas.

## O município de Anastácio/MS na divisão territorial do trabalho: sucessões e articulações, agentes e processos

O município de Anastácio localiza-se no Bioma Cerrado, no Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul. Distante aproximadamente 127 km da Capital do Estado Campo Grande (Figura 1). Possui uma área de 2.910,728 km<sup>2</sup>, sua população é de 24.114 habitantes concentrados em sua ampla maioria na sede do município (cerca de 80% do total). A cidade de Anastácio é conurbada à cidade de Aquidauana/MS compondo, assim, um Centro Sub-Regional B (3B), pois integram o Arranjo Populacional de Aquidauana - Anastácio/MS; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era de 0,663, PIB em 2010, e PIB per capita de R\$ 27.508,95 (em 2021), um dos mais baixos do Estado (IBGE, 2020; 2023).

Figura 1: Mapa de localização do município de Anastácio/MS.



Fonte: Os autores (2024).

A nossa abordagem nos leva, em um primeiro momento, a uma abordagem da formação socioespacial da região, na qual se situa o município de Anastácio, uma vez que concordamos com Limonad (2011, p. 162) quando afirma que espaço e história não podem ser dissociados, pois “As relações de classe e produção, de dominação e hegemonia, não existem por si sós e sua reprodução não se dá em um mundo desterritorializado e a-espacial”.

O surgimento da ocupação do que vem a ser hoje o município de Anastácio está intimamente ligado ao do município de Aquidauana, fundado em 1892 pela busca de fazendeiros da região por uma alternativa menos suscetível ao ciclo das cheias do Pantanal e que possibilitasse, também, uma melhor articulação e comunicação no eixo Campo Grande – Nioaque – Corumbá (NEVES, 2007).

Denominada Margem Esquerda, o município de Anastácio teve sua emancipação no ano de 1965. A região fora ocupada desde o início com destaque à criação de rebanho bovino, tendência que persiste até os dias atuais.

O desempenho das atividades primárias na região, majoritariamente ligada à pecuária, desde a passagem do século XIX para XX até o período atual, mantém grande relevância no cenário local, tanto no ambiente rural por constituir matriz produtiva predominante, quanto na cidade, tendo em vista ao impacto da indústria frigorífica na dinâmica urbana local.

A agricultura comercial em grande escala não se desenvolveu no município, tendo a consolidação da pecuária de corte como atividade agrícola predominante, fatores que se refletem na composição do Produto Interno Bruto (PIB) do município, no qual a agropecuária, apesar de superar o setor industrial, é o setor de menor representação se comparado aos setores de serviços e administração pública (Quadro 3).

Quadro 3. Composição do Produto Interno Bruto no município de Anastácio/MS.

PIB Composição 2021	Valor nominal (x 1000) R\$	Proporção na composição do PIB municipal (%)
Serviços	212.306,74	30,46
Administração Pública	167.551,34	24,04
Agropecuária	141.824,74	20,34
Indústria	109.526,79	15,71
Impostos	65.757,23	9,43
Total	696.966,83	99,98

Fonte: IBGE (2023).

No ano de 2021 (o último que disponibiliza a remuneração detalhada por setor) o setor de serviços (30,46%) e administração pública (24,04%) representaram os setores majoritários na composição do PIB de Anastácio, enquanto o setor agropecuário representa 20,34% do total. O setor indústria perfaz 15,71% do PIB do município e seu destaque é uma planta frigorífica da multinacional JBS (Grupo J&F). A fabricação de produtos alimentícios emprega 779 trabalhadores, ampla maioria entre os 863 empregados no setor industrial no município, como apontam os dados do Caged (Quadro 4).

Quadro 4. Estoque de empregos e remuneração média por grande grupo de atividade econômica, no município de Anastácio/MS (2021).

Grande grupo de atividade econômica	Estoque de empregos	Celetista	Estatutário	Remuneração real média (R\$)
Agropecuária	728	728	-	1.837,23
Indústria	863	863	-	2.379,24
Serviços (exceto administração pública)	248	248	-	2.029,68
Administração Pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	876	87	789	2.154,78
Comércio	721	721	-	2.057,55
Construção	8	8	-	-
Total	3444	2655	789	2.111,93

Fonte: Caged/Rais (2024).

A centralidade da indústria frigorífica na absorção dos trabalhadores urbanos vai de encontro ao que foi determinado como tendência histórica da pecuária de corte, enquanto atividade agrícola predominante no município, que se revela na trajetória de evolução do rebanho bovino local. No período de 2006 a 2017 o rebanho bovino em Anastácio variou positivamente em 12%, passando de 235.849 para 263.304 cabeças (1,32 Unidade Animal/UA por hectare de pastagem, uma das maiores do Estado, conforme VERDI, 2008), movimento oposto ao observado no conjunto do estado de Mato Grosso do Sul, onde o rebanho sofreu redução de 6% no mesmo período, como demonstra o Quadro 5.

Quadro 5 – Evolução do rebanho bovino no município de Anastácio/MS, no período de 2006 a 2017.

	2006	(*)	2017	(*)	Varição no período
Anastácio	235.849	1,14%	263.304	1,35%	12%
Mato Grosso do Sul	20.634.817	-	19.485.201	-	-6%

\* Proporção em relação ao rebanho total do Estado

Fonte: IBGE (2023).

No mesmo período (2006-2017), no município de Anastácio não se percebeu a tendência do conjunto do estado de Mato Grosso do Sul de significativa expansão da área destinada aos cultivos de lavouras permanentes e temporárias. Nesse sentido, enquanto o Estado registrou um crescimento da área cultivada na ordem de 76,88%, passando de 2.051.256 para 3.628.356 (ha), com destaque para o avanço das lavouras temporárias, variação positiva de 80,50%, em detrimento das lavouras permanentes, que variaram negativamente em 40%, em Anastácio a variação foi negativa quanto a área total cultivada (-3,18%), apesar de um leve crescimento das lavouras temporárias (+2,37%) (Quadro 6).

Quadro 6. Evolução das áreas de lavouras no município de Anastácio e no estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2006 a 2017.

2006	Anastácio	Mato Grosso do Sul
Lavouras permanentes (ha)	276	61.593
Lavouras temporárias (ha)	4.811	1.989.663
Total (ha)	5.087	2.051.256
2017	Anastácio	Mato Grosso do Sul
Lavouras permanentes (ha)	*	36.968 (-40%)
Lavouras temporárias (ha)	4.925 (+2,37%)	3.591.388 (+80,50%)
Total (ha)	4.925 (-3,18%)	3.628.356 (+76,88%)

\* Dados não informados/disponíveis

Fonte: IBGE (2023).

O cenário que confronta o meio rural do município de Anastácio a realidade de outras regiões do estado de Mato Grosso do Sul, suscita o movimento dialético explicitado por Corrêa (2018) quando aponta, sobre as transformações ocorridas no campo brasileiro, que os ambientes rurais experimentaram de forma desigual e combinada dois movimentos antagônicos: por um lado, a industrialização ou um estágio superior à modernização do campo; e por outro, sua decadência ou estagnação que, entre outros, acaba em processos de falta de perspectiva no campo e a perda do conteúdo econômico e demográfico, os quais se revelam muito importantes para as cidades de pequeno porte do estado de Mato Grosso do Sul.

E reconhecemos que o primeiro movimento se liga à modernização dos processos produtivos agrícolas, ao acréscimo de mão de obra qualificada, da alta tecnologia e

financeirização, que se materializa sobretudo na produção da celulose e de *comanditeis* como soja, milho e cana-de-açúcar, na maioria das vezes para exportação. Para Teixeira, (2015):

A maior parte da produção agrícola do estado sempre esteve em sua porção sul, com destaque para as microrregiões de Dourados e Iguatemi. Segundo dados do IBGE, em 1980, essa região foi responsável por 56% da produção de grãos do Estado e, em 2010, por 64% do total. Os cultivos de maior relevância nessa área, nesse período, foram a soja, o milho, a mandioca e a cana-de-açúcar. No entanto, o grande destaque é da cana-de-açúcar, tanto em expansão territorial como em volume de produção (p. 103).

Neste contexto, entendemos que o quadro agrícola de Anastácio, assim como boa parte da região Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, encontra-se em uma situação mais alinhada ao segundo movimento, quer seja, à estagnação, nos termos de Corrêa (2018), ou à permanência de um quadro socioeconômico diante da divisão territorial do trabalho.

Contudo, modernização/industrialização e estagnação muitas vezes se combinam (Corrêa, 2018) e a resiliência histórica da pecuária de corte como atividade agrícola predominante no município vem sustentar, em parte, as bases para a indústria frigorífica na cidade.

É mister, salientar que o capital agrícola tende a direcionar suas atividades de acordo com as melhores possibilidade de extração da renda da terra e exploração do trabalho, assim como tais investimentos muitas vezes são orientados a partir de demandas originadas em outras escalas. Neste sentido, a permanência da pecuária de corte em detrimento à agricultura industrial não pode ser vista como um movimento aleatório.

Na concepção de Santos (2018, p. 71):

A necessidade de ampliar os mercados no campo se enfrenta com a interdependência entre a industrialização e a produção exportadora tradicional [...]. A sobrevivência do setor tradicional, que tantas vezes causou espanto ou admiração, não se explica, pois, por sua força interna, atualmente tão debilitada, mas pela necessidade que tem dele o setor capitalista.

A atuação da indústria frigorífica na cidade de Anastácio, assim como na cidade vizinha Aquidauana, pode ser percebida como síntese de uma cadeia produtiva que se articula em várias escalas e que aciona o município não apenas para a criação do gado bovino para corte, mas também no abate para a exportação de carnes ao mercado mundial. Ao analisar o contexto estadual, Teixeira (2015, p. 96) afirma que:

O incremento da produção de matérias-primas e a disponibilidade de recursos oficiais para o financiamento de empreendimentos privados atraíram muitas agroindústrias para o Estado de Mato Grosso do Sul, especialmente esmagadoras de grãos, frigoríficos e destilarias.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) demonstram o papel da exportação da proteína animal como propulsora da atuação do município de Anastácio no comércio internacional. No ano de 2023, a exportação de animais vivos e produtos do reino animal somaram U\$\$ 46.127.585,00, cifra que corresponde quase a totalidade de exportações do município. Um panorama que não é muito diferente do início da série histórica analisada (1997), quando as exportações desses produtos somaram U\$\$ 414.187,00 e correspondiam a totalidade das exportações (Quadro 7).

Quadro 7. Exportações do município de Anastácio/MS, em valor FOB (US\$), no período de 1997 a 2023.

Seção	2023	2017	2011	2004	1997
Animais vivos e produtos do reino animal	46127585	29555370	0	0	414187
Gorduras e óleos animais ou vegetais; Produtos da sua dissociação; Gorduras alimentares elaboradas; Ceras de origem animal ou vegetal	110963	51596	0	0	0
Produtos das indústrias químicas ou indústrias conexas	0	0	0	0	0
Produtos das indústrias alimentares; Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; Tabaco e seus sucedâneos manufaturados	0	0	19500	0	0
Produtos do reino vegetal	0	0	0	25014	0
Total	46238548	29606966	19500	25014	414187

Fonte: Brasil (2024).

A dependência de Anastácio em relação a produção de proteína animal fica ainda mais evidente quanto, no Quadro 7, observamos o ínfimo montante de exportações totais nos anos de 2004 e 2011, em que, respectivamente, as exportações do município somaram-se US\$ 25.014,00 e US\$ 19.500,00 em seu conjunto. Neste período, não houve planta frigorífica em operação no município o que modificou a dinâmica de realização da produção agrícola no mercado internacional, momento em que a mediação da escala local foi deslocada para outras a nível regional.

A planta instalada na cidade de Anastácio (Figura 2) trabalha atualmente de modo majoritário para o atendimento do mercado internacional, sobretudo de Israel. Destaca-se, nesse sentido, que esse mercado exige o atendimento a um conjunto de regras no abate (*shechita*), em cumprimento às exigências da lei judaica.

O ritual de abate, inspecionado por um rabino, deve provocar uma morte instantânea do animal e sem dor, com a utilização de uma faca afiada, chamada *chalaf*, que provoca a rápida degola do animal vivo. O atendimento a estas condições qualifica a carne como “*kosher*”, isto é, boa, apropriada. No ano de 2020, essa planta frigorífica também foi habilitada para a exportação para o Egito, mercado que também demanda a produção dentro de um conjunto de normas próprias (*halal*) (FERREIRA, 2020; SILVA, 2014; SIQUEIRA, 2020).

Figura 2: Indústria frigorífica instalada na cidade de Anastácio/MS.



**Fonte:** Rhobson Lima, reprodução em Guessy (2014).

A indústria frigorífica multinacional instalada na cidade de Anastácio, com objetivo de produzir exclusivamente para exportação, corresponde a uma confluência entre diversas escalas da divisão social e territorial do trabalho.

Neste sentido, Santos (2006, p. 184) já nos advertia:

São as cidades locais que exercem esse comando técnico, ligado ao que, na divisão territorial do trabalho, deve-se à produção propriamente dita. Cidades distantes, colocadas em posições superiores no sistema urbano (sobretudo as cidades globais), têm o comando político, mediante ordens, disposição da mais-valia, controle do movimento, tudo isso que guia a circulação, a distribuição e a regulação.

E simultaneamente, encontram-se articulados um mercado consumidor estrangeiro: sobretudo o oriente médio; seu comando empresarial: a multinacional brasileira JBS sediada na metrópole paulista; fornecedores de bens de capital: em escala nacional; fornecedores de matéria-prima: produtores rurais do município e de toda região; e seus empregados; trabalhadores do próprio município, em sua maioria. Trata-se de uma engrenagem que aciona, concomitantemente, sujeitos e processos articulando diversas escalas e se utilizando de condições geográficas específicas.

Nessas articulações, o agronegócio é um ramo da produção que coaduna à jusante e à montante atividades de produção, distribuição e circulação operando tanto por meio de processos de acumulação *in loco*, quanto por meio de redes e fluxos de circulação monetária advindos do capital rentista. Neste sentido, materializa uma relação centro periferia ancorada nas demandas do capitalismo avançado (XAVIER, 2017).

Na base local deste processo multiescalar, combinam-se condições próprias que, no caso estudado, demarcam um modo singular de inserção de uma cidade de porte pequeno à

dinâmicas econômico-sociais mais amplas. Em Anastácio-MS, o estoque de mão de obra disponível numa cidade com economia urbana local pouco pujante se soma à existência de uma agricultura familiar com limitada assistência pelo Estado, inclusive em áreas de assentamentos rurais, com frequente disposição e oferta de camponeses aos trabalhos não ligados à agricultura.

Isso tudo contribui para a formação de um exército de reserva de trabalhadores, que sem alternativa de trabalho no campo buscam os trabalhos urbanos, ponto central nos processos migratórios em sociedades capitalistas (Vendramini, 2018), o que rebaixa o valor da força de trabalho local e torna, como consequência, o município atrativo para a reprodução do capital, especialmente da indústria frigorífica.

## Considerações Finais

Neste artigo, buscamos a partir da realidade empírica do município de Anastácio/MS analisar como este é acionado enquanto um “momento” da inserção dependente do Brasil no mercado mundial, sobretudo na cadeia da produção de proteína animal. Nossa análise não esgota o assunto, mas nos oferece uma perspectiva de aproximação para apreensão da temática.

O resgate histórico da formação socioespacial em um processo de desenvolvimento capitalista dependente nos ofereceu uma visão ampla e desnuda de simplificações inconvenientes. Resgatar os processos e sujeitos que animam, historicamente, as relações sociais, conflitos e disputas nos permitiu enxergar o momento atual como síntese, em movimento, que reflete presente, passado e condiciona o vir a ser. Por outro lado, estas questões devem ser colocadas em perspectiva enquanto parte-se de um processo global que, da mesma forma, dinâmico e histórico nos permite romper com uma abordagem meramente cronológica, o que também seria demasiado engano. Logo, a articulação dos sujeitos e processos que se sucedem historicamente à realidade geográfica como um todo nos possibilitou uma conjugação contextual - espaço-tempo - para análise dos fenômenos.

De toda sorte, o papel que o município de Anastácio desempenha na divisão social e territorial do trabalho resulta de um processo histórico que possibilitou o surgimento, manutenção e aperfeiçoamento de uma base agrícola pautada, sobretudo, na pecuária de corte; com efeito, uma sempre relativa estagnação no campo que, por sua vez, potencializa a reserva de mão de obra na cidade, permitindo o rebaixamento do valor da força de trabalho. Pelo lado urbano, o capital utiliza-se destes aspectos para o desenvolvimento da indústria frigorífica local que se destina a suprir em grande parte às demandas do mercado externo, reforçando, neste contexto, o ciclo de dependência ao mercado internacional.

Por fim, ressaltamos que este artigo poderá contribuir com pesquisas futuras, ainda que com outros recortes empíricos. Trata-se de uma análise inicial, mas que, de toda sorte, nos indica uma perspectiva para o aprofundamento na forma em que podemos entender as dinâmicas locais enquanto parte de processos mais amplos no bojo da divisão social e territorial do trabalho.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

## Referências

BARATELLI, Amanda Emiliana Santos. **Terra, Estado e Capital: A centralidade da renda da terra nas relações econômicas e de poder no município de Três Lagoas/MS**. 2022. 217 fls. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS.

Lordano, Geovandir André; Santos, Thiago Araujo; Gonçalves, Marcelino de Andrade. *O município de Anastácio-MS e a reprodução da dependência na periferia do capitalismo: agentes, processos e escalas*. Revista Pantaneira, V. 23, UFMS, Aquidauana-MS, 2024.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese**, v. 2 n. 1, p. 68-80. Jan-jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 25 out. 2021.

BRASIL. **Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC)**. Plataforma Comex Stat, 2024. Disponível M <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home> Acesso em 14 fev de 2024.

CAGED/RAIS. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. Relação Anual de Informações Sociais. 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYTJlODQ5MWYtYzgyMi00NDA3LWJjNjAtYjI2NTI1MzViYTdlIiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWw5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9> Acesso em: 5 fev de 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos Paralelos e Entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o Urbano e o Rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACHER, Arthur Magon (Org). **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre o Urbano e Rural**. 1.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular. 2006, p.11-31.

FERREIRA, João Paulo. Habilitação de 7 frigoríficos para exportação ao Egito aquece a produção de MS, **O sul mato-grossense**, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://osulmatogrossense.com.br/economia/habilitacao-de-7-frigorificos-para-exportacao-ao-egito-aquece-a-producao-de-ms/>. Acesso em: 25 out. 2021.

GUESSY, Carlos. Frigorífico JBS inaugura unidade em Anastácio com promessa de abate de 800 mil bois por dia, **Top Mídia News**, 12 jun. 2014. Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/interior/jbs-inaugura-frigorifico-em-anastacio-e-promete-abate-de-800-mil-bois/13366/>. Acesso em: 03 nov. 2021.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2.ed. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

IBGE. **Cidades**. Anastácio. Página web. 2023. Disponível em: <https://citt.ly/AmlSFfT>. Acesso em: 10 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades 2018**. Diretoria de Geociências/IBGE. Rio de Janeiro, 2020. ISBN 9786587201047. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6l9994v>. Acesso em: 15 out. 2023.

LIMONAD, Ester. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, Milton... [et. al] (Org). **Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 145-170.

NEVES, Joana. **Um porto para o Pantanal: a fundação de Aquidauana: civilização e dependência**. Campo Grande. ed. UFMS, 2007.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. A incorporação do modo de vida urbano na região de fronteira do sul do território Mato-Grossense no início do século XX. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACHER, Arthur Magon (Org). **Cidade e Campo: Relações e Contradições entre o Urbano e Rural**. 1.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

Observatório do Agronegócio no Brasil. **PL compõe 1/4 da bancada ruralista na Câmara, que chega a 300 deputados**. Notícias, página web. 2023. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2023/04/26/pl-compoe-1-4-da-bancada-ruralista-na-camara-que-chega-a-300-deputados/>

Acesso em: 27 out. de 2023.

OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. 1.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Theotonio dos. **Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano**. 1.ed. Florianópolis: Editora Insular (Coleção Pátria Grande - v. 7), 2018.

SANTOS, Thiago Araujo; NEVES, Joser Cleyton; MELO, Aliucha de. Notas para uma crítica geográfica das ideologias: a modernidade truncada e a vertigem do progresso no município de Três Lagoas-MS. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 23, n. 55, p. 343-361. Set-Dez. 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/6929>. Acesso em: 12 jan. 2024.

Lordano, Geovandir André; Santos, Thiago Araujo; Gonçalves, Marcelino de Andrade. *O município de Anastácio-MS e a reprodução da dependência na periferia do capitalismo: agentes, processos e escalas*. Revista Pantaneira, V. 23, UFMS, Aquidauana-MS, 2024.

SIQUEIRA, Rosana. Estado habilita sete frigoríficos pra exportar carne de boi e aves para o Egito, **Campo Grande News**, 09 abr. 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/economia/estado-habilita-sete-frigorificos-pra-exportar-carne-de-boi-e-aves-para-o-egito>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVA, Alex Santos Lopes da. O ritual religioso de abate judaico e o mercado da carne kosher no Brasil, **Scot Consultoria**, 24 fev. 2014. Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/artigos/33900/o-ritual-religioso-de-abate-judaico-e-o-mercado-da-carne-kosher-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Priscila; ALBUQUERQUE, Amanda de. **Agricultura Familiar Brasileira: Desigualdades no Acesso ao Crédito**. Publicações. Climate Policy Initiative. Página Web. 2023. <https://www.climatepolicyinitiative.org/pt-br/publication/agricultura-familiar-brasileira-desigualdades-no-acesso-ao-credito/> Acesso em 6 de mar de 2024.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. **Os efeitos socioespaciais da expansão canavieira na bacia hidrográfica do Rio Ivinhema no estado de Mato Grosso do Sul**. 2015 (226 fls) Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp)/ Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente – SP.

VENDRAMINI, Célia Regina. A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 239-260, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592018v21n2p239> Acesso em: 08 jun 2023.

VERDI, Ricardo. **Bovinocultura de Mato Grosso do Sul: uma análise da atividade nos municípios**. 2008, 172f. Dissertação (Mestrado Multinstitucional em agronegócios) – Consórcio Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Goiás. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2008.

XAVIER, Glauber Lopes. Agronegócio e capitalismo dependente na América Latina: o caso brasileiro. **Argumentum**, Vitória, v. 9, n. 2, p. 147-160, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/15017> Acesso em 12 jan. de 2024.